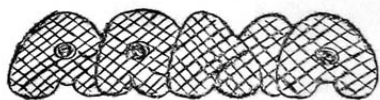


a arma da crítica não
substitue a crítica das armas



"ESPECIAL"

NOVEMBRO - 1970

POR QUE, COMO E PARA QUE LUTAMOS

ÍNDICE

I N T R O D U Ç Ã O

I - POR QUÊ LUTAMOS.....	1
1.1 - INJUSTIÇA SOCIAL	1
1.2 - EXPLORAÇÃO IMPERIALISTA	2
1.3 - ECONOMIA NACIONAL	8
1) - 3.1 - SITUAÇÃO NA ÁREA RURAL	9
1) - 3.2 - SITUAÇÃO NA INDÚSTRIA	12
1) - 3.3 - COMÉRCIO EXTERIOR	13
1.4 - SITUAÇÃO DO TRABALHADOR BRASILEIRO.....	16
1) - 4.1 - EMPORPECIMENTO PROGRESSIVO DO TRABALHADOR.....	16
1) - 4.2 - O "CORTO" DO PLANO HABITACIONAL.....	20
1) - 4.3 - POLÍTICA EDUCACIONAL DA DITADURA.....	20
1) - 4.4 - A INCRÍVEL SITUAÇÃO DA SAÚDE.....	21
1) - 4.5 - LOTERIA ESPORTIVA - EMPORPECIMENTO E SAQUE DO POVO.....	23
1) - 4.6 - F.P.S. - ESCOLA E DEMAGOGIA	23
1.5 - OS LUCHOS DA TRAIÇÃO	25
1.6 - TORTURA - INSTRUMENTO DA DITADURA.....	25
II - COMO LUTAR.....	31
III - PARA QUE LUTAMOS.....	33

POR QUE, COMO E PARA QUE LUTAMOS

INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil não há a mínima oportunidade de se dizer as verdades que o povo deve conhecer.

O regime militar desenvolve uma dispendiosa campanha de mentiras e pretenção, à maneira do nazismo alemão com que tanto se identifica, fazer passá-las por verdades. A técnica é a da repetição contínua de mentiras até acostumar o público a encará-las com naturalidade e, depois, aceitá-las como verdades.

Preferiríamos outro método para chegarmos ao povo. Não fomos nós que escolhemos este, mas o próprio regime, ao não nos deixar outra alternativa. O que não podia nos era continuar calados diante de tanta infâmia e ultraje que se cometem contra nosso povo.

Cumprimos uma obrigação patriótica e estamos certos de que com isso contribuímos para que as verdadeiras proporções da tragédia nacional sejam compreendidas e que os aproveitadores da mesma não possam continuar a sua obra anti-Brasil.

Os dados que ilustram esta nossa exposição são extraídos quase sempre de fontes oficiais como BLD, ONU, IBGE, F.C.V. e jornais brasileiros, o que permite comprová-los. Outras vezes recorremos à imprensa estrangeira devido a que muitas informações sobre o que acontece em nosso país são sonegadas ao nosso público, não obstante serem divulgadas no exterior.

O atual chefe do regime militar, Sr. Garrastazu, ainda há pouco declarou: "A economia do país vai bem, a vida do povo é que vai mal".

O que há nessa afirmação são meias verdades. Há meia verdade quando diz que o povo vai mal, pois a verdade toda é que "vai pior". E há meia verdade quando diz que a economia vai bem, pois falta dizer para quem vai bem, já que o povo não é beneficiário dela, como o próprio autor da frase reconhece.

É estranho que quando uma situação é produto de outra, como o bem-estar do povo é da economia nacional, possa haver uma negação recíproca. Aí, de maneira ilógica, deixa de existir uma relação de causa e efeito. Então a economia passa a ser estranha e alheia à situação do povo. E até mais, a "prosperidade econômica", no caso, está na razão inversa do bem-estar social: quando a economia progride o bem-estar regride.

Na verdade, o Brasil continua aquele grande hospital, no qual está internado o brasileiro sempre enfermo. O tratamento que recebe não leva ao seu restabelecimento mas até ao seu declínio. É a forma do hospital prosperar, já que se o enfermo fosse curado deixaria de seguir fornecendo os grandes lucros com as suas despesas. O objetivo, pois, é mantê-lo no hospital fazendo-o gastar todos os seus recursos.

1 - FOR QUÊ LUTAMOS

Vivemos num país de 90 milhões de habitantes dos quais 50 milhões não podem comprar as mercadorias produzidas internamente, de modo a estimular a nossa própria produção. É 2/3 da população que está marginalizada do mercado de consumo interno.

E por que não podem comprar tais mercadorias?

Porque não ganham o bastante. Daí, não podem sequer se alimentar bem e em consequência disso apresentam baixo rendimento no trabalho. Pronto! Está formado o que os economistas chamam de "círculo vicioso da pobreza": o pobre é pobre porque se alimenta mal e por isto tem baixa produtividade, razão pela qual é pobre. Em termos mais simples: é pobre porque é pobre.

O problema está proposto. Agora devemos procurar sua solução.

Qual é, ou melhor, quais são as raízes do mal?

Podemos resumir em duas: injustiça social clamorosa e exploração imperialista.

1.1 - INJUSTIÇA SOCIAL

Vamos aos fatos. Primeiro a injustiça social. A CEPAL, órgão da ONU, informa:

- a) - Noventa mil pessoas concentram em suas mãos mais renda do que a de 45 milhões juntas, isto é, metade da população.
- b) - Esses mesmos 900 mil privilegiados possuem 28% da renda geral, enquanto 81 milhões de brasileiros possuem 46%.

Isso nos fornece uma idéia do gritante desequilíbrio social que é responsável pela condição de vida sub-humana de milhões de nossos irmãos. É responsável também pela formação de um mercado de elite cujo abastecimento é feito com todos os recursos humanos e materiais com que conta o país. Produzimos mercadorias caras e luxuosas a que só tem acesso uma pequena parcela da população, em prejuízo da inensa maioria que fica impedida, por esta razão, de satisfazer suas necessidades mais primárias.

Fabricamos automóveis caríssimos, televisores sofisticados, refrigeradores luxuosos, cosméticos frívolos, quando o povo passa privação de comida, roupa, habitação, e padece de epidemias e epidemias.

Se a grande maioria de nossa gente não pode comprar o que ela própria ajuda a produzir, então para onde vai aquela parte que não é consumida pelo diminuto mercado

interno?

É exportada. São exportados sapatos, tecidos, roupas, alimentos, medicamentos e outros produtos industriais, cuja carência interna chega a ser vital para a grande parte de nossa população. Além disso exportamos carros de luxo e até flores para deliciar a vida das minorias privilegiadas de outros países, o que mostra como são unidas pela exploração e usufruto do trabalho das massas de seus respectivos países. Não é à toa que quando as massas tentam qualquer movimento libertador, elas se unem apavoradas e historicamente começam a bujar no circo da OEA: "querem destruir a nossa civilização cristã e ocidental, os comunistas estão solapando as bases dos nossos valores morais" e outras idiotices de estilo.

O produto das exportações dessas mercadorias é representado pelas divisas, ou seja, o dólar. Com este irão adquirir de outros países as coisas necessárias para o consumo do reduzido grupo de compradores internos e as coisas necessárias para alimentar a indústria que serve a nosso grupo.

Não é só para as importações, entretanto, que irão os dólares que o país recebe pelas suas vendas no mercado externo. Na realidade, a parte do leão é para pagar os "investimentos" estrangeiros no Brasil. Os capitalistas estrangeiros não vão reter cruzeiros para seus países. Como a quantidade de dólares que enviam para fora é maior do que a investida internamente, a solução é exportar.

O Sr. Delfin Neto - ocupante do cargo de Ministro da Fazenda - reconhece esse fato. Ele admite que a remessa de lucros realizada pelas empresas estrangeiras em nosso país é desvantajosa para o Brasil. Porém, longe de propor a limitação e controle da dita remessa, como faria um país soberano cujos governantes zelam pelos interesses nacionais, aquele senhor afirma que "para superar o problema da remessa, não devemos impedir a entrada do capital nas aumentadas exportações". Quem tiver dificuldades para acreditar nisso, procure o Digesto Econômico nº 213 - 5/6/70.

Pois é, esse é o mecanismo. Vende-se para outros países mercadorias necessárias para a própria sobrevivência de milhões de brasileiros que as produzem, a fim de pagar o críminoso lucro do capitalismo internacional. E essa não é apenas a opinião pessoal da referida pessoa, mas a política oficial do regime, que estimula inclusive a exportação com isenções fiscais e outros bichos.

1.2 - EXPLORAÇÃO IMPERIALISTA

Pósto isso, passamos a uma análise do papel que vem representando o capital estrangeiro na nossa terra.

Nos últimos dez anos, os norte-americanos investiram no país US \$ 2,5 bilhões. Somente nos últimos 6 anos - desde o golpe de abril, portanto - levaram US \$ 8 bilhões. A diferença - US \$ 5,5 bilhões - daria para pagar toda nossa dívida externa e ainda

À guisa de apresentação:

O trabalho que ARMA DA CRÍTICA apresenta nessa edição especial foi elaborado por um grupo de quadros e aliados do Movimento Revolucionário 8 de Outubro e da Ação Libertadora Nacional, fruto de alguns meses de pesquisa. Nele se procura, sobretudo, mostrar a atual situação econômica do capitalismo brasileiro, e interpretar as suas mais recentes manobras "desenvolvimentistas".

No momento em que a precariedade e a fluidez de uma teoria revolucionária, virgem ainda de testes práticos, se projeta taticamente sob a forma de sérios impasses políticos à esquerda revolucionária torna-se indispensável que os revolucionários revejam sua prática de reflexão e luta política, de modo a se tornarem capazes de desenvolver mais efetivos instrumentos teóricos de análise e de mantê-los afinados com as constantes mudanças da realidade.

É com esse espírito que ARMA DA CRÍTICA publica o presente estudo, que adquirirá o seu caráter revolucionário máximo com a atitude de reflexão e formulação de cada um que o leia.

Novembro de 1970

ARMA
DA
CRÍTICA
ESPECIAL

sobrariam US \$ 2,5 bilhões, quantia investida inicialmente. Deve-se dizer que os 2,5 bilhões de investimento inicial entraram sob a forma de máquinas e equipamentos - geralmente já ul trapassados no seu país de origem - que são escriturados por preços superiores ao real para justificar as elevadas taxas de autorização do capital e juros. Estas duas formas de saquear nossos recursos não são as únicas. Há a retenção de lucros, dividendos, "royalties", sub-faturamento, que são nomes usados para encobrir a grande fraude imperialista. Em 1968, o lucro das empresas estrangeiras, no Brasil, foi de US \$ 1,6 bilhões, quantia que corresponde a quase o valor total de nossas exportações nesse mesmo ano. O investimento foi de US \$ 561 milhões.

O fenômeno dessa desapidada exploração imperialista se estende por muitos países, mas a América Latina é a vaca gorda. A dívida externa dos latino-americanos para com os amigos do norte subiu, nos últimos 10 anos, de US \$ 9 para 40 bilhões. Um relatório do City Bank registra ter América Latina recebido 10% dos investimentos norte-americanos no mundo em 1969, e, ao mesmo tempo, ter respondido por 26% dos lucros (não inclui as outras formas de retenção que vimos acima, que somadas são superiores aos lucros oficiais).

O que ocorre na relação ao capital estrangeiro em nosso país é exatamente o contrário do que dizem seus assalariados (Roberto Campos, Bulhões, Delfin, etc...). A transferência de poupança é do Brasil para fora e não o inverso, como pretendem. O que há é uma descapitalização de nossa economia.

Quando já estão instaladas, as empresas estrangeiras realizam sua atividade econômica com recursos internos do país, conforme podemos verificar pelos seguintes dados:

- a) - As 20 empresas que mais devem ao Banco do Brasil são estrangeiras.
- b) - As 10 empresas que mais recolhem no nosso mercado de capitais são estrangeiras.

Há algo ainda mais escandaloso nesse assunto: em São Paulo e no Rio há escritórios de corretagem da bolsa de valores de New York. Isto significa que os capitalistas estrangeiros usam nossas poupanças não apenas para movimentar suas empresas aqui instaladas, como também para as de seus respectivos países. Os jornais nacionais de maior circulação chegam a publicar sistematicamente o movimento da Bolsa de New York para controle dos acionistas brasileiros.

Convém que sejam examinados alguns casos particulares da "Ajuda" do capital estrangeiro ao desenvolvimento do país.

A Light recupera todo o seu capital, isto é, recebe o valor de todos os seus bens, com os lucros obtidos, a cada 6 anos. Basta verificar há quantos anos esta empresa trabalha aqui e teremos quantas vezes já foi paga por nós.

O automóvel VW fabricado no Brasil custa 3.000 dólares enquanto que o mesmo veículo fabricado na Alemanha custa 1.100 dólares. Considere-se que o salário pago aos operários alemães é bastante superior ao nosso, apesar de tudo, e o resto é lucro. É curioso que o presidente da VW explica isso dizendo que a empresa no Brasil tem que transportar seus empregados de ônibus, o que não acontece na Alemanha. A referida empresa prometeu investir

100 milhões de dólares em 65/66, mas, ao que parece, o fez na Alemanha com capital brasileiro.

Os lucros dos laboratórios farmacêuticos chegam ao absurdo de 4.900% e, além disso, 80% de sua matéria prima é importada. Somos duas vezes prejudicados com esse setor: uma com a renúncia de lucros e outra com as divisas que gastamos para gerar tais lucros. Antes de 64, 33% dos laboratórios eram nacionais; hoje não chega a 15%.

As regalias do capital estrangeiro vão além dos lucros exorbitantes. Há duas empresas estrangeiras que possuem portos particulares e exclusivos no Brasil: a Hanna Corporation para exportar minério, e a Philips Petroleum que controla o grupo Ultrafertil de fertilizantes. À exceção da Companhia Vale do Rio Doce, nenhuma empresa nacional conta com esse privilégio, nem mesmo a Petrobrás.

O processo de desnacionalização do país vem se acelerando a partir de 1º de abril de 64 e hoje, das dez maiores empresas particulares aqui instaladas apenas uma é pertencente a brasileiros. Os grupos econômicos estrangeiros controlam 70% de nossa produção industrial. As empresas brasileiras não possuem senão 19% de nosso mercado interno.

O relatório de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, formada em 1968 para apurar o controle crescente de nossa economia pelos grupos monopolistas internacionais, mostrava que naquele ano o capital estrangeiro já controlava:

- a) - 40% do mercado de capitais
- b) - 62% do comércio exterior
- c) - 82% dos transportes marítimos
- d) - 77% das linhas internacionais de aviação
- e) - 100% da produção de veículos a motor
- f) - 86% da indústria farmacêutica
- g) - 48% da indústria química
- h) - 59% da produção mecânica
- i) - 62% das fábricas de auto-peças
- j) - 50% da indústria de alumínio
- l) - 90% da indústria do vidro
- n) - 100% da indústria de pneus

NOTA: esse relatório não foi divulgado ao grande público e nem foi debatido no Congresso, que foi fechado pouco tempo depois.

Há mais entretanto:

- a indústria naval é dominada por grupos estrangeiros.
- a maior rede de imprensa - Globo - pertence ao grupo Time-Life
- a maior loja comercial é a Sears Roebuck
- o City Bank de New York é o 13º banco comercial do Brasil. Além desses são estrangeiras as empresas Bozzano Simonsen, Banco Francês e Brasileiro, Banco de Boston, Chase Manhattan (Lar Brasileiro) que absurdamente aqui operam com depósitos de brasileiros.

A prospecção do petróleo - que é setor de alto custo e que requer verdadeiros investimentos - é realizada pela Petrobrás. E quando poderia compensar esse pesado encargo com a distribuição dos derivados do petróleo que oferece alta lucratividade, fica com apenas 5%. Somente a Esso e a Shell possuem mais da metade dessa mina de ouro.

Em relação à Petroquímica, verdadeiro fillet mignon de toda a indústria petrolífera, a nossa Petrobrás perdeu a parada para Union Carbide e Philips Petroleum - Petroquímica União.

A tendência da desnacionalização se acentua com o apoio aberto dado pelo regime militar.

Recentemente desabafava um empresário nacional: "Tenho observado que é raro em nós em que não há encampação de empresas brasileiras por estrangeiras".

Tudo isso é facilitado pelo mecanismo de crédito bancário que é ilimitado para as companhias estrangeiras e restringido para as nacionais.

O regime, nos momentos mais críticos da economia, permitia que as firmas estrangeiras trouxessem empréstimos de fora a juros de 8% a.a., enquanto que as nacionais eram obrigadas a pagar 4% a.a.

Ainda há pouco, elementos do regime, reunidos com empresários para discutir um importante projeto industrial, declararam que o governo não daria aval para financiamento e que obrigou os empresários brasileiros a abandonarem o plano. Depois de um mês o Sr. Delfin Neto, como Ministro da Fazenda, embarcava para Washington, onde deu aval de 40 milhões de dólares a Philips Petroleum, que instalou o complexo Ultrafertil, com pôrto particular.

Outro recurso de que as companhias estrangeiras lançam não para liquidar as empresas brasileiras é a guerra de preços.

Foi o que ocorreu com a Adezite (fitas adesivas) que estava em franco crescimento até que a 3M (fita Scotch) começou a baixar o preço de seus produtos em 30 e depois 40%. A empresa nacional não resistiu e foi vendida àquele grupo. Logo depois os preços foram aumentados em 60%.

A Companhia de Mineração Jafet, uma das nossas mais tradicionais e importantes metalúrgicas foi adquirida por preço ridículo pela Bethlehem Steel, Chase Manhattan e Standard Oil.

A FIM, nossa primeira indústria de veículos era do Estado e foi vendida à Alfa Romeo.

O regime militar está loteando o país aos seus anos imperialistas, sem qualquer escrúpulo. Isto se evidencia de forma inequívoca, também na questão dos incentivos fiscais.

Que os atuais senhores do poder são contra o socialismo não é novidade para ninguém, mas que agora venham a aplicá-lo em sentido contrário representa mais um passo na escalada do reacionarismo.

De fato, se o socialismo significa transferir para a coletividade bens que pertencem a uma minoria, o seu inverso é o que o regime está realizando ao transferir para

uma minoria o que pertence à coletividade. E isso é o que está ocorrendo quando os impostos pagos por todos ao Tesouro Nacional são cedidos a uns poucos para aplicarem em projetos que só vão dar lucros a eles exclusivamente.

Já atinge a quantia de Cr\$ 4 bilhões a parte que a União renunciou indevidamente em benefício de empresas privadas. Essa soma cobriria o "deficit" de 3 bilhões de cruzeiros no orçamento de 69, que agrava a inflação ainda mais.

E quem são os maiores beneficiados das isenções fiscais da Sudene, Sudam, Embatur, etc...? Nada mais nada menos que Coca-Cola, Kibon (General Foods), King-Ranch, Du Pont, Dow Chemical, Hilton (hotéis), General Electric, Ford-Willys e outras.

Há casos em que a isenção do I.C.M. e outros impostos vai até 15 anos.

Crescem de ano para ano os incentivos. Entre 68 e 69 a receita federal aumentou em 40% e os incentivos fiscais em 48%.

O povo está pagando cada vez mais impostos sem receber nenhum benefício em troca, já que vai para aquelas empresas o produto do "terror fiscal" implantado nos últimos anos.

Analistas da classe patronal reconheçam que "os impostos não podem ser mais aumentados, pois atingiram o limite de capacidade do contribuinte". (Banca Informa)

Outras operações o regime realizou sobrepondo os criminosos interesses imperialistas aos legítimos e desamparados interesses nacionais.

A compra da Anforp - energia elétrica - foi revestida de mistérios e segredos mas nem por isso deixou de escandalizar o mundo pela desonestidade da transação. O mesmo ocorreu com a C.T.B. (I.T.T.) que recebeu US \$ 100 milhões por equipamentos velhos e em mau estado.

Alguém poderia perguntar porque a imprensa não divulga notícias sobre a rapina dos nossos recursos pelo capital monopolista internacional.

A resposta é simples: as empresas jornalísticas, quando já não forem adquiridas de fato por aqueles grupos, como ocorreu com a Rôde Globo, estão "compradas", como ocorre com jornais do tipo "Estado de São Paulo" e "Jornal do Brasil".

Enfim não resta nada em nosso país de imprensa livre. O que há é imprensa vernal.

Por meio da publicidade as empresas estrangeiras controlam todos os órgãos de divulgação. Destinada para a propaganda comercial vultosas verbas, que são extraídas não de seus lucros, mas de isenção de impostos concedida pelo governo para esse fim. Como os jornais, revistas, rádios e televisões do país dependem das verbas de seus anunciantes, não se atrevem a dizer a verdade denunciando o grande saqueio do Brasil. Se algum órgão patriota se coloca na defesa do que nos pertence, a chantagem econômica da publicidade o silenciara para sempre. Digam-se de passagem, que os anunciantes sabem de antemão que seus esforços propagandísticos raramente serão compensados com maiores vendas, pois o nosso mercado de consumo não pode se expandir e já está bem dividido. A publicidade que utilizam serve apenas como arma de suborno da imprensa.

Há casos mais gritantes, como a Light anunciando. Será que aumentará o consumo de energia elétrica com isso? Eles sabem que não, mas é o grande recurso que usam para manter o público na ignorância dos fatos que estamos relatando.

Chamam de "propaganda institucional" esse instrumento de suborno. Por outro lado, patrocinam programas inbecilizantes que transformaram a TV brasileira num monumento de alienação e entorpecimento popular.

A subserviência descarada e impatriótica dos jornais encontra um grande exemplo em recente editorial do "Estado de São Paulo". Depois de admitir que a renessa do lucro em 69 foi superior à média de investimentos realizados desde 64, afirma que "isso representa prejuízo para os acionistas estrangeiros, os quais se limitam a esperar que um dia recebem uma remuneração adequada para seu capital". Esses lanbe-botas do imperialismo não possuem sequer o mínimo de decência na ânsia de servir seus patrões estrangeiros.

Quando conseguir ultrapassar os obstáculos dessa imprensa prostituída, para expor as verdades, encontrará, então, a férrea censura do regime, para quem os patriotas que querem defender seu país não passam de "perigosos agentes do comunismo internacional".

Os honens do poder vêm procurando importar todos os modelos do sistema norte-americano. A última importação é a bolsa de valores, que ali se encontra em crise, por sinal.

É o maior cassino capitalista que vem se implantando no Brasil com grandes incentivos oficiais e sustentará um novo grupo de parasitas na orgia da especulação. Os ricos daqui se divertem e se enriquecem ainda mais ao mesmo tempo em que servem o "irmão mais forte". Essa é outra fonte onde as empresas estrangeiras vão buscar mais capitais para investir aqui, ao invés de trazerem de fora como dizem.

Para quem quiser apostar naquele cassino, o regime dá dinheiro, mas tem que ser rico.

Até aqui temos um breve resumo de como tem atuado o capital estrangeiro no país, principalmente depois de 64.

Conclusão de tudo que apresentamos até agora sobre esse assunto:

- a) - o capital estrangeiro ao invés de ajudar nosso desenvolvimento, impede-o, carregando para outros países o fruto de nosso trabalho.
- b) - o capital estrangeiro goza de maior liberdade, atualmente, em virtude de ter sido o promotor, juntamente com a oligarquia interna, do golpe de estado que implantou o regime sob o qual vivemos. Daí, hoje, efetivamente, o centro de decisões políticas e econômicas se transferiu para o estrangeiro.
- c) - o capital estrangeiro está disposto a subornar quantos sejam necessários para prosseguir a pilhagem que leva a cabo.

1.3 - ECONOMIA NACIONAL

Pôsto isso, retomemos aquela questão de que "a economia do país vai bem".

Através de enorme máquina publicitária, o regime vem procurando "vender" a idéia de que o Brasil está crescendo. Baseia-se no controle da inflação, na racionalização das cobranças dos impostos, no aumento das exportações. O fato principal é que após 64 foi mais bem racionalizada a aplicação do sistema capitalista. Eliminaram-se as tradicionais concessões que eram feitas antes de 64 em decorrência da pressão popular (Sudene, organização de trabalhadores, lei de remessa de lucros, reajustamentos frequentes de salários). Hoje temos o sistema capitalista mais racionalmente aplicado sob a batuta dos grandes interesses monopolistas internacionais.

Ainda assim, por mais racional que seja essa aplicação, o sistema vem demonstrar suas insuficiências, particularmente num país subdesenvolvido. Assim é que:

"Não se compreende que o PNB tenha aumentado: o produto industrial cresceu menos em 69 e as safras dêsse ano foram menores que em 68. O termo estagnação é tabu que ninguém pronuncia, so bem que a maioria o sinta".

Quem faz tais afirmações está longe de ser alguém inimigo do regime; mas até se esforça para encontrar seus acertos e elogiá-lo. Tratá-se da revista "Boas Notícias" - publicação dos círculos empresariais e, por isso mesmo, bastante identificada com a política oficial.

Se fosse necessário depoimento de origem mais "insupeita", temos o de Otávio Bulhões que, discutindo em dezembro do ano passado, disse: "Este ano sofremos uma redução na produção econômica geral". Bulhões foi o primeiro Ministro da Fazenda do atual regime.

Um trabalho de propaganda oficial dirigido pela Fundação Getúlio Vargas, apesar de todas as tergiversações que contém, não pôde dizer mais que, na realidade, e que vem ocorrendo nos últimos anos "não é a colheita de frutos de nossos investimentos".

Retornada de desenvolvimento não houve e nem pode haver sem novos investimentos. Em 1963 o investimento que realizávamos correspondia a 19% da produção geral (PIB), e em 68 apenas 17%, segundo relatório anual do BID.

Como falar em prosperidade se na cidade de São Paulo, durante o 1º semestre dêste ano, foram requeridas 2.500 falências contra 2.000 em igual período do ano passado? O valor de títulos protestados cresceu em 2/3 comparando ambos períodos.

É assim que, após 6 anos de "arrêcho salarial" e toda sorte de sacrifícios, o resultado é 25% de inflação, o povo com menos dinheiro e passando mais necessidades, um desemprego superior a 10%, subemprego da ordem de 46% (IBGE - Atualidade Estatística do Brasil 1970), um contingente maior de analfabetos, desequilíbrio no balanço de pagamentos, "deficit" orçamentário de CR \$ 3 bilhões, etc, etc, etc.

Em 1963 possuíamos 253.608 kg de ouro em reserva; hoje temos 40.154 - 16% do que havia antes do golpe. (Relatório do Banco Central do Brasil).

Querem saber para onde foram as 213 t. de nosso ouro? Perguntem ao Secretário do Tesouro dos USA.

Se compararmos os 6 anos que procederam a quartelada com os 6 anos que se lhe seguiram, verificaremos que o crescimento econômico foi maior no período anterior com taxa média anual de 5,8% a.a. contra 5,4% a.a. nos 6 primeiros anos do regime.

O Brasil, segundo o Fundo Monetário Internacional, no período de 64 a 70 apresentou a segunda maior inflação do mundo com 638%. Mas progrediu, porque no ano passado só perdeu para o Vietnã e Chile.

E os golpistas assumiram o poder para "salvar o país do caos e da estagnação". Imaginem se fôsse o contrário.

Vamos porgorizar com um pequeno balanço, os principais setores da economia.

1) - 3.1 SITUAÇÃO NA ÁREA RURAL

Metade da população brasileira encontra-se no campo, porém tem emigrado em número crescente para a cidade em razão de não poder sobreviver nas atuais condições em que se encontra a zona rural.

De todas as nossas terras exploráveis - 332 milhões de ha - menos de 45 milhões de hectares são utilizados na agricultura (Atualidade Estatística do Brasil 70 IBGE).

Por que então milhões de camponeses não podem plantar sequer para a subsistência? Por faltar terra para isso?

Porque 42 mil proprietários dominam quase metade das terras brasileiras - 150 milhões de ha - com glebas que vão de 1.000 até 400.000 ha. Não tiram proveito econômico da terra e nem deixam que os camponeses o façam.

Essa é a terrível contradição no campo: 10% dos proprietários possuem 80% de toda a área, deixando os 20% restantes para 90% dos proprietários. É a isso que chamamos oligarquia latifundiária e que só conserva essa posição privilegiada por meio da violência que implantou no país em conluio com o imperialismo. O regime militar é o instrumento de opressão dessas forças; é a garantia de seu império de misérias.

Mas vejamos quem são aqueles 42.000 latifundiários.

Órgãos oficiais do próprio regime, por força de pressão, foram obrigados a realizar um levantamento de terras brasileiras pertencentes a estrangeiros, e a conclusão foi que 1 milhão e 700 mil Km² de nosso território (outras fontes assinalam apenas 20 milhões de ha), isto é, 1/5 de sua superfície (área superior à do Estado do Amazonas) é de propriedade estrangeira.

Essa aquisição nativa de terras brasileiras não foi feita a custo, mas, como provaremos, segundo um plano de conquista muito bem arquitetado. Vamos ver como

agiram na determinação imperialista de dominar e saquear.

Em julho de 64, começou no Rio Grande do Sul um levantamento aerofotogramétrico de todo o território nacional, por aviões da USA. Através dessas fotos é possível conhecer todos os detalhes do terreno, como solo, hidrologia, vegetação, transportes, comunicação e até a localização de jazidas minerais e manchas de terra fértil.

Abrindo um parêntese, este trabalho poderia ter sido feito por nós, pois a Cruzeiro do Sul foi contratada para fazer idêntico trabalho no Uruguai. Além dessa temos mais 4 ou 5 companhias especializadas em aerofotogrametria, incluindo a F&B. Contudo, era um sonho de 20 anos que os americanos vinham procurando concretizar e, finalmente, encontram essa possibilidade sob o atual regime.

Pois bem! Após o citado levantamento, os norte-americanos intensificaram as compras de terras em nosso país. Somente a "Georgia Pacific Corporation" oculta sob a denominação de Cia Amazonas de Laminação, adquiriu 400 mil ha baseada em fotografias daquele levantamento, muito gentilmente cedidas pelo Sr. Vasco Leitão da Cunha, então embaixador brasileiro em Washington.

O Sr. Arnos Seliz comprou todo o município de Ponte Alta em Goiás, um dos maiores do Brasil.

A empresa "Kiry Ranch" do Texas possui 170 mil ha de terras brasileiras, que já foram pagas com tão só a madeira extraída do terreno. Recebe também financiamento do regime por meio da Sudam.

A aquisição dessas terras nem sempre é feita de modo legal e pacífico. Tal vez, acreditando que estejam à conquista de um novo Oeste, onde terão que dizimar os nativos, os norte-americanos revivam em nosso país a história violenta de seus antepassados.

O Sr. Henry Fuller matou, espancou e escravizou camponeses em Goiás. Queimou plantações e matou animais de seus indefesos vizinhos, com o fim de se apossar de suas terras. Tudo no melhor estilo norte-americano, até que foi detido e como num "far-west" subornou as autoridades e escapou da prisão. A exemplo de um seu colega que também foi detido, (mas por contrabandear minérios brasileiros para os USA) reapareceu, sem ninguém explicar como, são e salvo em seu país.

Muitos proprietários de terras norte-americanos possuem pequenos exércitos de jagunços em suas fazendas brasileiras, que são empregados para intimidar camponeses e, assim, manter o regime de exploração social. Seguiram o exemplo dos "coronéis" nordestinos.

A compra de terras nacionais pelos estrangeiros segue livremente.

Da maior dramaticidade é um trecho do brigadeiro Haroldo Veloso - recentemente falecido - relativo ao crescente apossamento das terras brasileiras por estrangeiros. Diz êle: "A impressão tida, ao examinarmos o mapa da região, é a de que se formou um cordão de isolamento, separando a Amazônia do resto do Brasil".

Sim! E não é nenhum "agente subversivo" quem declara isso. As terras, hoje de propriedade americana, foram adquiridas seguindo um plano de dominação estratégica: isolar a já desde há muito cobiçada Amazônia do resto do Brasil.

E qual foi o papel do regime militar neste plano?

Ceder informações que comprometem a própria segurança nacional para que o plano se realizasse.

O projeto da estrada transamazônica - louvável se fosse patrocinada por verdadeiros patriotas - é parte deste plano: veio para viabilizar a exploração da área conquistada. Um senador denunciou o referido projeto, dizendo que seu sentido é "entregar" e não "integrar", já que as terras a serem valorizadas pertencem em sua maioria a estrangeiros e a estrada atravessa uma região a ser explorada pela U.S. Steel, na Serra dos Carajás, no Pará. A propósito, essa concessão do ferro amazônico já nos dá uma idéia de onde irão parar o estanho, o cobre, o ouro e o diamante que comprovadamente existem ali.

De outro ponto de vista, também é condenável o projeto da estrada transamazônica: foi lançado em meio a uma crise social do Nordeste, provocada em grande parte pela estruturas injustas que persistem ali com maior gravidade, e pela inépcia do regime em enfrentar o problema das secas com irrigações e açudes e o das enchentes com barragens.

Protenda com a estrada transamazônica transferir a população "excedente" daquela região para zona insalubre, sem tempo sequer para preparar as condições dessa transferência. Querem construír em 520 dias uma obra desse vulto pela simples razão de que a população nordestina está para se rebelar contra seus exploradores e, portanto, é necessário tirá-la dali.

Se hoje o regime paga Cr \$ 2,00 por dia a um trabalhador nordestino (são mais de 300 mil) quando o salário mínimo é quase o triplo dessa importância - um quilo de carne na região atualmente está custando Cr \$ 8,00 - é fácil imaginar qual é a disposição oficial para com aquela gente sofrida, no projeto da transamazônica. Vão morrer aos milhares por endemias, epidemias e falta de assistência.

A estrutura agrária do país, com a coexistência de grandes latifundiários improdutivos e milhões de camponeses sem terra para cultivar, é responsável pela baixa produção agrícola.

Nos seis anos que antecederam o golpe contra-revolucionário - de 59 a 64 portanto - a produção agrícola cresceu 50% (a uma média de 8,3% a.a.). Durante os seis anos posteriores (65-70) cresceu 30% (a uma média de 5,0% a.a.), sendo que entre 67 e 68 foi inferior ao crescimento populacional.

Quase a metade de nossa população se encontra no campo e, não obstante, a produção agrícola foi responsável por apenas 27% da produção geral em 1968.

Esses dados demonstram como é anti-social, anti-econômico e irracional o regime de propriedade e aproveitamento de nossas terras. Essa é uma das razões principais da condição sub-humana de milhões de camponeses e da estagnação socio-econômica em que se encontra o Brasil.

Não se pode falar em desenvolvimento sem alterar profundamente a situação agrária.

A nossa produção de tratores mostra como se mantém rudimentar o método de trabalho no campo, em consequência de uma base agrária ultrapassada.

As atuais fábricas de tratores poderiam com as mesmas instalações produzir o dobro do que produzem, mas, como não há mercado, produzem só a metade de sua capacidade e, por isso, elevam-se os custos unitários daquelas máquinas.

Em 1963 o país produziu 9 908 tratores e em 1968 baixou para 9 626. Em 6 anos, ao invés de se incrementar essa produção, como seria necessário para o nosso desenvolvimento, deixaram-na cair em 3%. Assim, o Brasil possui 1 trator para cada 1 000 has e a Argentina 6 para igual área.

Mais sensível ainda foi a queda na produção de utilitários (jeeps), tão importantes como os tratores para a modernização do campo. Sua produção caiu mais de 70% em 1969, partindo de 62. Antes da quartelada se produziram 22 000 unidades e 7 anos depois 5 800. (Fontes: Relatório do Grupo Executivo da Indústria Automotora e Atualidade Estatística do Brasil 70 IBGE). Por outro lado, enquanto de 62 a 69 a produção de caminhões e ônibus se manteve praticamente estagnada, a de automóveis de passeio mais do que triplicou. Isto mostra a quem serve o progresso tão decantado pela "Revolução" de 64.

Segundo o ELD, o Brasil é país latino-americano que menos investiu no setor agropecuário, em 1968. Apenas 1,8% da despesa total contra 12% na Colômbia e 14% na Costa Rica - que não devem, mesmo assim, ser exemplo para nós. É por essas e outras que o crescimento de nosso rebanho bovino sequer consegue acompanhar o crescimento populacional do país.

1) - 3.2

SITUAÇÃO DA INDÚSTRIA

O inpasso da área rural se reflete diretamente na produção industrial, cuja situação não é menos crítica. Não pode expandir-se porque não há quem consuma mais produtos industriais. Se a renda do camponês fosse elevada, então, o seu consumo permitiria o incremento da produção.

Nas condições atuais o que temos é uma falsa prosperidade. Se não vejamos.

A indústria de transformação cresceu a uma taxa de 4% a.a. desde 64 até 68, o que é um índice baixíssimo se comparamos com os 8% dos anos compreendidos entre 58 e 63. Logo, 6 anos de regime militar acusam um decréscimo da taxa de crescimento também no principal setor industrial de 50%, comparando com igual período que precedeu o 12 de abril.

Se comparamos o volume de produção da indústria de transformação dos 3 primeiros meses de 70 com os três primeiros de 69, observamos um decréscimo de mais da metade, segundo a "Conjuntura Econômica".

Examinando por ramos, observamos que a indústria de alimentos e vestuários entre 64 e 68 regrediu, pois nem mesmo conseguiu acompanhar o crescimento populacional, que foi de 3% a.a.. Os produtos alimentares e de vestuário cresceram 1,6% a.a.

Por isso, neste período, a população alimentou-se menos e vestiu-se pior.

A indústria têxtil, que emprega o maior contingente de trabalhadores, teve sua produção rebaixada em 18% em 1967, tomando como base o ano de 1963. Ainda atravessa grave crise, embora possa produzir mais e a população tenha necessidade de têxteis. Mas, como onde não há renda não há venda... a solução é exportar.

De 1963 para 1968 a indústria de construção civil caiu em mais de 10%.

A produção de gasolina aumentava em 500 mil m³ por ano até 63; a partir de 1965 o acréscimo anual não foi além de 375 mil m³, ou seja 25% menos.

O deficit da produção de petróleo em relação ao consumo aumentou de 75 milhões de barris em 63 para 110 milhões em 70.

A produção de calçados sofre colapso.

Em 1963 nossa rede ferroviária se estendia por 36 000 km e em 1967 já havia sido reduzida para 32 000 km.

A produção de energia elétrica que vinha crescendo a uma taxa de 10% a.a. até 63, caiu para 8,5% a.a. desde então até 68. A participação das hidrelétricas na produção geral de energia diminuiu, significando que produzimos mais energia por meio de geradores agora do que antes.

Com este rápido balanço temos mais uma peça do quadro que estamos montando para conhecer a realidade nacional.

1) 3.3

COMÉRCIO EXTERIOR

Voltemos nossa atenção, agora, para o que está acontecendo no nosso comércio exterior, que é controlado em 82% pelos estrangeiros.

A balança comercial, que representa a relação e a exportação e a importação, registra um saldo negativo desde 1967, ano em que o valor das importações (CIF) passou a ser superior ao das exportações (FOB).

Isto significa que diminuiram nossas exportações ou que aumentaram muito as importações?

Não, nem um nem outro. Nossas exportações aumentaram, mas de forma estranha.

Em 1968 vendemos no mercado mundial 9 milhões de toneladas a mais do que em 1964, o que equivale a um aumento de 64% no volume das exportações. Contudo, recebemos em troca dos 9 milhões de t. apenas 450 milhões de dólares, o que equivale a um aumento de 31% no pagamento. Isto significa que se fôssemos pagos ao preço de 64, receberíamos 915 milhões de dólares e não 450 milhões. Deixamos de receber US \$ 469 milhões. Eis o quadro, segundo o IBGE (Atualidade Estatística do Brasil 70)

	Exportação (valor) milhões de dólares	Exportação (volume) milhares de toneladas
1964	1430	14 587
1968	1881	23 487

A qualidade de nossos produtos exportáveis foi praticamente a mesma. O que ocorreu é que foram vendidos a preços inferiores para se conseguir as divisas com que se pagam os capitalistas estrangeiros, conforme política oficial do regime, como já tivemos oportunidade de verificar. A falta de muitos desses produtos exportados, entretanto, é vital para a maior parte de nossa população, como gêneros alimentícios, produtos farmacêuticos etc.

Em outras palavras, o brasileiro trabalhou mais para acrescentar aquê-/les nove milhões de toneladas, recebeu, proporcionalmente, menos e ficou privado de bens de primeira necessidade.

Os grupos internacionais do capital lucraram duas vezes às custas do /trabalhador brasileiro: primeiro, recebendo e remetendo para seus países as divisas criadas com as exportações; e, segundo, ganhando mais ao rebaixar o preço de compra de nossos produtos no mercado mundial.

Examinemos alguns casos particulares.

Entre 66 e 68 cresceu 15% o volume de matérias-primas exportadas e recebemos o mesmo pagamento, isto é, rebaixaram em 15% o preço das nossas matérias-primas. O caso do manganês, contudo, é mais chocante. Em 1966 exportamos 956 mil toneladas desse minério e recebemos US\$ 27 milhões; em 1968 aumentamos para 1.124 toneladas e recebemos US\$ 24 milhões. Por 168 mil toneladas a mais, recebemos US\$ 3 milhões de dólares a menos. Nota: quem monopoliza a exploração do manganês no Brasil é a Bethlehem Steel dos Estados Unidos.

O café que é o nosso principal produto de exportação (41% do total) caiu 25% em suas vendas no Exterior ^{entre} 5 e 68. Seu preço atual é a metade do que era em 54. Os produtos industriais não chegam a 8% do total de nossas exportações e não há nenhuma perspectiva de que essa porcentagem irá aumentar.

O recente caso do café solúvel é bem ilustrativo.

Alegando que o café solúvel brasileiro exportado para o USA, devido a seu preço inferior, estava prejudicando os produtos internos do País, o governo americano nos obrigou o regime brasileiro a taxar em 13 centavos de dólar por libra-pêso. Assim, o produto chegava mais caro no mercado americano e não prejudicava os concorrentes ianques.

Não satisfeito, o governo de Washington volta à carga e exige uma nova taxa — está é uma maneira diplomática de expulsar os nossos produtos daquele mercado. Como alguns homens do regime militar brasileiro têm interesses pessoais no café solúvel brasileiro, por serem sócios das principais fábricas, estão resistindo desta vez e os USA ameaçaram retirar-se do A.I.C. se não forem atendidos. O Brasil é o maior exportador e os USA o maior importador no A.I.C.. Entenderam a manobra?

Fora do A.I.C. os USA não teriam mais obrigação de atender cotas de importação de café brasileiro e passariam a importar café africano, colombiano etc. E o descontrôle advindo traria um aviltamento ainda maior no preço do café.

Esse é apenas um exemplo, que citamos por ser mais atual, de que o imperialismo norte-americano não está disposto a admitir qualquer mudança que possa signi

ficar o início de um processo de industrialização de produtos que exportamos até agora em estado bruto.

Se transformássemos em solúvel o nosso café exportado, teríamos a duplicação do valor de nossas exportações atuais.

"Ou seguem como meros produtores e exportadores de café em grão, sem manias de industrialização, ou nem mesmo êste seguirei comprando".

É a voz do dono.

Situação análoga ocorre com os têxteis e calçados brasileiros que encontram sérias barreiras protecionistas para entrar nos USA.

O Secretário de Comércio dos USA já deixou claro em recente visita a seus subordinados daqui de dentro que o Brasil não deve preocupar-se em produzir têxteis e nem calçados porque aos USA não interessa isso.

O que êles querem é minério de ferro a preço de banana e não aço que poderíamos produzir com êsse minério.

Só podemos esperar sermos sempre mais prejudicados em nossas relações com o império americano - hoje responsável por mais de 35% de nossas exportações.

A economia americana entrou em nova e profunda crise. A inflação cresce assustadoramente e já está por volta de 10% - o dobro da de 1968; a produção está caindo de ritmo; a bolsa de valores sempre registrando declínios; o desemprego aumentando. Enfim, revivem a cíclica recessão.

A essência imperialista do sistema norte-americano não permite que a nova crise econômica por que passa aquêle país possa ser resolvida com seus próprios recursos. Assim é que procurarão transferir para outros países, principalmente os subjugados, todo o peso de suas dificuldades.

Em nosso país isso se reflete numa escalada na guerra de pilhagem que levam a cabo aqui com a cumplicidade da oligarquia interna. Essa guerra, como vimos, assume várias formas táticas: aumento na renessa de lucros, rebaixamento de preço de produtos nacionais, chantagem econômica etc etc.

Atualmente o Brasil já um comércio desfavorável com os USA, que recebe bem mais do Brasil do que êsse país do USA. A diferença em favor dos norte-americanos nas relações comerciais com o nosso país cresce de ano para ano. Era nove milhões de dólares em 66, foram para 24 milhões em 67 e 48 milhões em 68. E cada vez vão pagar / menos pelo que lhes vendemos e cobrar mais pelo que lhes compramos. Essa é a ajuda do nosso "grande amigo do norte". Aliás a ajuda ao regime brasileiro, devido à crise deles, já foi reduzida à metade: era US\$ 150 milhões e atualmente são US\$ 75 milhões.

Aquêle país vive, entretanto, uma crise mais profunda porque é política e moral e, esta sim, trará conseqüências mais graves para a humanidade. É a agonia de um império que quer prolongar seus últimos instantes a qualquer preço. Recusa-se a aceitar o veredicto da história.

Vamos sofrer todos as conseqüências dessa ruína; ainda recentemente, quando do flagelo de milhões de nordestinos, um professor norte-americano afirmava: "

Podemos mandar tropas ao NE do Brasil antes do fim desta década".

Parecendo perceber que num futuro próximo aquela massa miserável se sublevará contra seus opressores, o sr. Andrew Hacker prevê que os norte-americanos intervirão para salvaguardar seus interesses e manter seus fítochos no poder. Estes não hesitarão em pedir tal intervenção ao se verem ameaçados em seus cargos e privilégios, / tal como ocorreu na China, Coréia e atualmente no Vietnã, além de outras dezenas de casos.

Recorde-se que em 1965 os homens do regime atual, numa atitude de vil submissão que convergenhou o nome do Brasil perante os povos do mundo, enviou tropas para invadir um país irmão cujo povo se levantava para se libertar do jugo imperialista e oligarca.

Era um povo de pé contra um invasor de cócoras.

São Hoangins foi esma gado, temporariamente, pelos norte-americanos em conluio com alguns títeres da A.L., da mesma forma que hoje tentam esmagar o povo vietnamita em conluio com alguns títeres da Ásia. Mas o Vietnã luta bravamente em lugar de toda a humanidade e vence heróicamente em nome da sua liberdade.

Cedo ou tarde chegará a hora e a vez do Brasil.

Não tenhamos ilusão com o imperialismo. Nossas contradições com êle / vão se acentuar com as dificuldades que lhe vão crescendo.

1.4 SITUAÇÃO DO TRABALHADOR BRASILEIRO

Até aqui analisamos aquela patacoada de que "a economia vai bem" e já podemos concluir, tranquilamente, com base nos fatos, que não é para o Brasil, a menos que o autor da frase adote o lema criado por um dos próceres do regime e ex-ministro / das relações exteriores, sr. Juracy Magalhães. Disse êste que "o que é bom para os USA é bom para o Brasil". Agora vem o sr. Garrastazu e diz que a economia do Brasil vai bem. Mas quem beneficia dela não é o povo brasileiro e sim os USA. Logo, se "o que é / bom para os USA é bom para o Brasil", então, a economia atual é boa para o Brasil.

E o povo, será que vai somente mal?

Não, "vai pior".

1.4.1 EMPOBRECIMENTO PROGRESSIVO DO TRABALHADOR

Oitenta por cento do trabalhador brasileiro recebe menos do que o salário mínimo. O Estado de São Paulo é o mais rico do país, recebendo 35% da renda nacional, possuindo 16 milhões de habitantes, enquanto o Nordeste com 27 milhões de habitantes recebe apenas 14% da renda nacional. A partir dessa desigualdade regional, vejamos como se encontra a população paulista dita privilegiada.

Oitenta e dois por cento dos trabalhadores rurais de São Paulo recebem menos de Cr\$ 150,00, quando o salário-mínimo é de Cr\$ 170,00. A metade dos trabajado-

ros rurais trabalha mais de oito horas por dia.

Quase 1/4 do proletariado paulista recebe menos que o salário mínimo.

Quase 18% do proletariado da cidade de São Paulo tem entre 12 e 14 anos de idade (antes de 64 era proibido o trabalho para menor de 14 anos. Esta norma internacional foi violada pelo atual regime que rebaixou para 12 anos a idade mínima para o trabalho).

Essa é a situação onde ela pode apresentar-se menos trágica.

Desde 1964 o aumento salarial concedido pela oligarquia tem sido sempre inferior ao ritmo da inflação. Em 1969, para uma inflação de 25%, o salário subiu apenas 13%. Considerando todo o período de existência do regime, de 64 até hoje, o salário real do trabalhador teve um rebaixamento de 32%. Portanto para poder comprar hoje o que comprava antes daquele 1º de abril, o trabalhador que recebe Cr\$ 180,00 deveria receber Cr\$ 240,00. Isto para viver como vivia antes, o que já não era fácil. Os Cr\$ 60,00 que deixa de receber cada mês vão acrescentar-se ao lucro do patrão. O trabalho não remunerado dos assalariados, portanto, vem crescendo desde 64 e com ele os lucros dos patrões.

E como foi possível à classe trabalhadora sobreviver nessa penúria?

Comendo menos, vestindo-se mal, morando pior. E também procurando aumentar a renda da casa colocando mais um membro da família para trabalhar. O pequeno comerciante sofre gravemente o reflexo dessa situação vendo cair assustadoramente suas vendas de artigos populares.

O cálculo oficial na determinação do salário prevê que o assalariado gasta metade dos seus vencimentos em alimentação. A realidade de hoje, porém, demonstra que aquele que recebe salário-mínimo é obrigado a gastar 70% do que ganha em comida.

Pois bem! Já vimos a depreciação que sofre o salário do trabalhador ao ser reajustado no índice sempre inferior ao da inflação. A situação, porém, é agravada se levarmos em consideração que desde 1964 o aumento no preço dos alimentos básicos foi de 560% e do salário 43%. A diferença de 125% é um número frio que representa a fome, a miséria e a doença que rondam a casa do trabalhador brasileiro.

Sómente em São Paulo, no primeiro trimestre de 69, segundo o IBE, o preço dos alimentos havia subido 280% relativamente a 66. Os que apresentaram altas mais colossais foram o arroz, a carne, o leite e a manteiga. A média de aluguel em São Paulo, para a classe trabalhadora é de Cr\$ 120,00, e 40% dela paga aluguel naquele estado.

Como vivem? Sómente eles é que sabem.

Nos momentos de maior aperto para pagar uma prestação ou o diabo, se algum tiver mais sorte e conseguir um empréstimo bancário terá que pagar juros de 43% ao ano.

O empobrecimento crescente das classes trabalhadoras faz parte da política do governo de combate à inflação.

A alegação é que antes de 64 os preços subiam porque havia uma maior procura de bens do que o mercado poderia oferecer à venda. A solução seria rebaixar o poder de compra das classes trabalhadoras e os preços se estabilizariam. Sómente o princí-

ro objetivo foi conseguido, pois os preços subiam sempre.

Por outra, os teorizadores da miséria popular (R. Campos, Bulhões, Del fin) afirmam que o Brasil necessitaria de investimentos para se desenvolver. Ora, os investimentos vêm de lucros e os lucros dos salários. Então, diminuindo-se os salários aumentam-se os lucros e portanto pode haver investimento.

Aqui também só se conseguiram atingir objetivos parciais. Os salários diminuíram, os lucros aumentaram, mas não houve investimentos, a inflação segue em ritmo violento, e nesse cada vez mais desvalorizado (720% desde 64). Fonte: FGV citado no Plano Estratégico do Governo Costa e Silva para 69. E revista Visão de 23 de maio de 70.

A insuspeita publicação Banas informa que os investimentos em 69 foram 20% inferiores aos de 68. Na indústria caíram de 477 para 175 milhões de cruzeiros.

Segundo a Conjuntura Econômica da F.G.V. os preços, somente nos três primeiros meses deste ano aumentaram em 17%.

E o BID prova estar havendo um decréscimo nas poupanças, apesar de tudo, pois em 1963 elas representavam 18% da produção geral de bens e serviços (PIB) e hoje são apenas 14%.

Enfim, se produzimos mais, ganhamos menos e comemos pior, para onde foi o fruto desse esforço popular? Para a oligarquia e o imperialismo, como ficou demonstrado como seguiramos demonstrando.

Para se ter uma idéia de como a oligarquia se enriqueceu mais às custas do trabalhador, o caso de Recife é ilustrativo.

A quarta parte mais pobre da população desta cidade ganha hoje a metade que ganhava em 64 enquanto que a quarta parte mais rica ganha o dobro do que ganhava em 64 - segundo pesquisa do IBGE.

O povo conhece bem esse fenômeno e costuma comentar: "os ricos estão ficando cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres". Realmente, o resultado do sacrifício imposto ao povo não reverte em seu benefício e, portanto, em benefício do Brasil.

Se os frutos do sacrifício fossem bem empregados, então teríamos, por exemplo, maior oferta de emprego. Na verdade as oportunidades têm sido menores. Somente de 68 para 69 a oferta caiu em 25%. Atualmente, segundo a FGV, "o emprego se mantém estacionário refletindo dúvidas sobre a evolução da economia em 1970".

Os cálculos mais otimistas estimam em 10% a taxa de desemprego no Brasil. Dez brasileiros em cada grupo de 100 não realizam trabalho economicamente produtivo. Devemos considerar, contudo, que mais de 1/3 de nossa população ativa trabalha no chamado setor terciário, ou seja, na prestação de serviço (comércio, bancos, restaurantes, serviços domésticos etc). Esse contingente vem crescendo desproporcionalmente de forma que em 1976 constituirá 45% da população ativa enquanto que o pessoal da indústria será 14% e o da agricultura 41%.

ligado

Ora, como esse setor não está prioritariamente à produção, isto significa que está havendo um má aproveitamento da nossa mão-de-obra.

É fácil explicar essa anomalia.

Como ainda não temos um governo livre e popular, os recursos nacionais são empregados de forma irracional^c anti-social, como já tivemos oportunidade de examinar na questão do mercado interno e na da exportação e remessa de lucros.

No problema de emprego da força de trabalho, repete-se a incapacidade do regime para solucionar o problema. Vejamos como.

Importa-se uma tecnologia de países capitalistas desenvolvidos para um país neo-colonizado e sub-desenvolvido como o nosso. As máquinas e equipamentos provenientes dos USA foram planejadas e construídas para empregar muito capital e pouca mão-de-obra pois naquele país o capital é abundante e a mão-de-obra é cara. Em nosso país ocorre exatamente o contrário: temos mão-de-obra barata e escassez de capital. De maneira que necessitamos máquinas e equipamentos que apliquem muita mão-de-obra e pouco capital.

Não pretendemos defender os métodos rudimentares de trabalho, mas sim que devemos desenvolver uma tecnologia adaptada às necessidades da nação.

Exemplo de total irracionalidade na aplicação de recursos é a SUDENE que em 1961, através de 20 projetos, criou 12 mil empregos e em 1969, através de 110 projetos representando investimentos incalculavelmente superiores, criou 13.000 empregos.

Então temos que, com muito mais recursos, originários de doações oficiais a particulares, principalmente estrangeiros, a SUDENE só conseguiu em 69 criar 1.000 empregos a mais do que em 1961. Fonte: Mundo Econômico, janeiro de 70. E isso ocorreu porque ao invés de promover a necessária reforma agrária naquela região aquele organismo adotou uma política de industrialização fictícia.

O resultado é que não há comprador para os produtos das fábricas ali instaladas. Os produtos altamente sofisticados como geladeira e fogões de luxo têm que ser transportados para ser vendidos no Sul - onde ficam encarecidos pelo frete.

Aí está a solução submissa para satisfazer, ao mesmo tempo, a oligarquia latifundiária e o imperialismo.

São as falsas opções que impõem no Brasil as forças que impedem seu desenvolvimento.

O que se observa é a aplicação de uma tecnologia exótica que produz artigos de consumo supérfluo para satisfazer às necessidades de uma minoria, além de que não permite a ampliação das oportunidades de trabalho na indústria nacional.

Por outro lado, a agricultura, por estar acentuada em bases anacrônicas, não tem capacidade para absorver maior quantidade de trabalhadores. Há, então, uma crescente emigração do campo para a cidade onde o antigo camponês só poderá dedicar-se ao setor de serviços que, dessa forma, cresce desmesuradamente.

Nesse setor terciário, também se apresenta mais mecanizado nos níveis superiores, encontra-se o exército de sub-empregados. São pessoas que trabalham como vendedores ambulantes, limpadores, domésticas, etc; enfim, atividades econômicas improdutivas e que têm baixíssima renda.

São essas as razões por que no atual regime o setor terciário cresce tanto. Ele oculta o desemprego disfarçado.

1) - 4.2

O "DEFICIT" DO PLANO HABITACIONAL DO GOVERNO

Relativamente ao setor habitacional, o "deficit" é de quase 10 milhões de residências, ou, se quisermos: a metade da população não conhece o conforto de uma casa.

Das que existem, 6,5 milhões são alugadas, apenas 4,8 milhões contam com rede de água, 2,8 milhões possuem esgotos e 7,1 milhões dispõem de luz elétrica. No sul do país, onde as condições são melhores, a metade do número de residências não oferece padrão decente de moradia e no nordeste, em cada 10 casas 8 têm condições precárias de habitação.

Para que o "deficit" não aumentasse, teriam de ser construídas 440 mil residências anualmente. E não há perspectiva de solução, embora a população daqui a 30 anos requeira 37 milhões de habitações.

O BNH, que trabalha com dinheiro do trabalhador, proveniente do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, não financia além de 100 mil por ano. Suas condições de financiamento são inacessíveis ao trabalhador médio. Cobra juros, taxas e correção monetária que torna as prestações proibitivas à já arruinada economia popular.

O resultado é que, apesar de ser gasto o dinheiro do trabalhador, este não pode se valer do financiamento.

Na Guanabara, num só dia, em julho próximo passado, uma sociedade imobiliária mandou leiloar 34 apartamentos financiados pelo BNH, por falta de pagamento de seus compradores.

Aquêle que conseguir continuar pagando ficará "pendurado" bom tempo de sua vida.

Recente pesquisa realizada em miserável favela dos arredores de Brasília mostrava que havia ali mais famílias com rendas superiores a Cr \$ 600,00 do que mendigos, o que permite concluir que uma renda familiar quatro vezes superior ao salário mínimo situa as respectivas famílias em um nível de vida equivalente ao da mendicância.

1) - 4.3

POLÍTICA EDUCACIONAL DA DITADURA

Temos 40 milhões de analfabetos e mais uns quantos semianalfabetos.

De cada 100 estudantes que ingressam no curso primário, apenas 18 chegam até o último ano.

A maioria dos professores primários não tem curso de normalista, o que, ao lado da falta de material, torna ainda mais sofrível o nível de qualidade do ensino.

O salário médio dos mestres brasileiros é inferior ao de um soldado de ~~PM~~ e, por se só, não poderia sustentar uma família. Consegue tão somente complementar o orçamento familiar.

Com relação ao ensino médio, apenas 11% da população escolarizável consegue concluí-lo.

No ensino superior o número de candidatos é duas vezes e meia superior ao de vagas.

Em 6 anos de militarismo o ensino primário cresceu 11% enquanto a população cresceu 18%. Isso significa que, neste período, cresceu o número de analfabetos.

A verba federal destinada à Educação, em 1962, correspondia a 4% da verba das Forças Armadas; em 1968 caiu para 3% (Atualidade Estatística do Brasil 70 - IBGE).

O Brasil é, segundo dados da ONU, o país latino que menos gasta com a educação e saúde. Não chega a 1% do PIB seu dispêndio com a instrução quando o Chile, por exemplo, dispende 4,3%.

O Estado Brasileiro gasta uma média de 2 (dois) dólares anuais com cada aluno primário, em contraste com a Venezuela que gasta 73 dólares.

A situação de calamidade na educação coloca o Brasil num dos últimos lugares na América Latina, perdendo somente para Haiti, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Bolívia, quanto ao índice de analfabetismo.

Atualmente, fala-se em nosso país num campanha nacional de alfabetização que tem como responsável uma das figuras mais servis ao capital estrangeiro: Sr. Mário Henrique Simonsen, que está falando em usar a TV para alfabetizar, como se o analfabeto tivesse aparelho e, se algum o tem como se tivesse tempo para assistir aulas pela TV.

Ele já revelou que sua verdadeira intenção não é alfabetização, mas educação familiar - eufemismo que significa também controle de natalidade. Já é de algum tempo a sua posição de que se deve limitar o crescimento populacional no Brasil. Não leva em consideração que este país possui a maior área do mundo habitável pelo homem e que a mesma se encontra deshabitada - a Amazônia; que possuímos um dos menores índices de habitantes por km^2 ; que a maior fonte de riqueza é o trabalho humano e este país só chegará a ser rico empregando esse trabalho em grande escala. Somente leva em consideração a manutenção da atual ordem social que, sabe-o ele, será ainda mais abalada com o crescimento da população.

Assim é que encaram o problema educacional no país.

1) - 4.4

A INCRÍVEL SITUAÇÃO DA SAÚDE

A saúde pública, entretanto, não se encontra em melhor situação.

O preço dos medicamentos é inacessível ao poder de compra popular.

De cada 100 hospitais que há aqui, 85 são particulares e, portanto, só servem a uma ínfima minoria que pode pagar seus custosos serviços (Fonte dos dados: Atualidade Estatística do Brasil 70 - IBGE). Possuímos uma média de um médico para 2 300 habitantes, mas devido à má distribuição geográfica desses profissionais, ocorre que na Guanábara a média é de 1 para 440 habitantes, enquanto que no Estado de S. Paulo, para pegar exemplo menos dramático, há 100 municípios que não possuem sequer um médico. Para se ter um termo de comparação: a Argentina possui um médico para 625 hab.

Em 1959, a cada 275 hab. correspondia um leito hospitalar. Hoje são 300 os brasileiros que disputam um leito de hospital. Diminuiu o número de leitos relativamente ao número de habitantes.

A incapacidade do governo atual se revela até nisso: nem mesmo consegue manter uma situação que já não é boa, mas permite que se torne pior.

De cada 100 crianças que nascem no Brasil, 12 morrem antes de completar 1 ano de idade. Em Teresina são 28 mortos em cada 100 nascidos e no sul do país são 9.

A média de vida do brasileiro é 56 anos; do nordestino 48 anos; do uruguaio 69 anos.

O próprio ministro da Saúde da ditadura, Rocha Lapa, confessou em recente exposição na Escola Superior de Guerra (julho 70) que:

- Há mais de 6 milhões de brasileiros sofrendo de esquistossomose.
- O Brasil é o único país da América Latina que não erradicou a varíola - enfermidade responsável por 3% das mortes no país.
- A terrível doença de Chagas infelicitava a vida de 23 milhões de brasileiros.

O INPS - órgão oficial que deveria cuidar da saúde dos trabalhadores - é um modelo de corrupção, desorganização e irresponsabilidade.

Ainda recentemente, dois ingênuos senhores que, por descuido de terceiros, chegaram a ocupar cargos de direção nacional e regional daquele organismo, cometeram duas faltas graves: 1) - denunciaram a corrupção de que eram vítimas os trabalhadores; 2) levaram a sério um assunto de fabricar medicamentos a preços populares, desafiando os poderosos laboratórios estrangeiros.

Dispondo o INPS de instalações para o fabrico de medicamentos, as quais misteriosamente jamais foram utilizadas, pretenderam aqueles senhores enfrentar o mistério. Apesar das inensas dificuldades interpostas à importação das matérias primas necessárias, e após incontáveis demoras e esforços, conseguiram furar o bloqueio concretizando um pedido de importação de matérias primas de fonte europeia.

Para espanto geral puderam aqueles senhores comprovar e denunciar que o preço daquelas matérias primas chegava a ser 200 a 300 vezes menor do que se paga por vias "normais" às fontes do truste.

Resultado: 3 dias depois estavam na rua.

1) 4.5 LOTERIA ESPORTIVA - ENTORPECIMENTO E SAQUE DO POVO

Outro procedimento criminoso para com o povo vem ocorrendo ultimamente, ao procurar criar-lhe vãs esperanças de fortuna material.

Sempre se procurou estimular paixão desenfreada no povo brasileiro em relação ao futebol. Existe toda uma máquina para êsse fim.

Com isso o povo esquece um pouco que é explorado durante toda a semana, quando vai ver e viver intensamente os momentos de glória ou de derrota de seu time, no domingo. Ele transfere para aqueles 11 homens, naqueles 90 minutos, todo o amargor de sua frustração no trabalho e na vida real, discutindo, gritando, torcendo. É algo que não tem, verdadeiramente, nenhum significado para ele mas, como não quer que ele enxergue a realidade, criaram-lhe êsse derivativo onde ele poderá expandir-se sem perigo para a ordem social. Já que não há pão tem que haver um circo.

Pois bem! Como a situação está piorando para o povo, houve que criar um novo "doping". E os anestesiistas das massas surgiram com a fórmula mágica da "loteria esportiva".

Agora, uniram aquela paixão cega pelo futebol com a ilusão de se tornar milionário - Procuram dar a falsa idéia de que cada um pode encontrar a solução de seus problemas dentro do próprio regime.

O seu dinheiro, que já era pouco, fica mais encurtado; mas não lhe importa, pois está comprando uma ilusão, que é tudo que lhe resta.

Não sabe que está sendo sordidamente enganado, que a probabilidade de ser premiado é de 1 em 1,5 milhões, ou seja, praticamente é nula. Não existe chance de ganhar. Os milhões de apostadores ficarão jogando toda a sua vida e sequer irão recuperar seu dinheiro. Os raríssimos vencedores servirão para alimentar a fantasia popular de um se tornar rico.

O comércio de restaurantes populares denunciou recentemente a queda vertical do movimento atribuída à corrida ao jogo das massas de funcionários das maiores cidades do país.

O importante, para o regime, é que foi criado mais um mecanismo de entorpecimento e saque do povo.

Porém, não se iludam, senhores da miséria humana: pode enganar-se parte do povo durante algum tempo, mas não se pode enganar todo o povo durante todo o tempo.

1) 4.6 FUNDO DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL - ESCOLA E DEMAGOGIA

Em manobra eleitoral, em vésperas da farsa eleitoral de outubro, o regime vem de propor uma suposta participação do trabalhador nos lucros da empresa. Nada mais ilusório e demagógico.

Verifiquemos, atendo-nos à letra daquele projeto, o que ocorreria com um assalariado que ganhe Cr \$ 180,00.

Atualmente, o trabalhador recebe apenas 40 % do que cria, do que produz, e os outros 60 % são apropriados pelo patrão para ser seu lucro. Logo, quem recebe Cr\$... 180,00 propicia Cr \$ 270,00 de lucro. O faturamento do produto de seu trabalho não pode ser mais de Cr \$ 450,00, que será dividido entre o lucro e o salário.

Provê-se que a partir de julho de 71 seja descontado 0,15 % do faturamento e 2 % do imposto de renda, indo constituir o chamado Fundo de Participação, colocando à disposição do trabalhador em caso de invalidez, casamento ou aposentadoria.

Se o faturamento geral é Cr \$ 450,00, a porcentagem descontada será de Cr \$ 0,67. Admitamos que o imposto de renda seja de 10 % sobre Cr \$ 270,00, o que é um cálculo bastante elevado. Então, tanto que de imposto de renda o empresário pagará Cr \$.. 27,00 ao mês, dos quais depositará Cr \$ 0,54 no Fundo de Participação.

Ao cabo de um ano o empregado terá Cr \$ 14,50 e no fim de 10 anos Cr \$.. 145,00. A lei, irônicamente, admitirá que essa quantia pode ser empregada na compra de casa própria.

Essa escola com que o regime quer comprar o trabalhador não representa 0,7 % de seu salário, que foi roubado em 32 % desde aquele trágico abril, como já vimos. Agora, para o patrão, o regime dá até Cr \$ 15,00 daqueles Cr \$ 27,00 do imposto que deveria ser pago ao Estado, enquanto que para o trabalhador o ridículo Cr \$.. 0,54.

Pois é! Dois pesos e duas medidas na ditadura dos ricos.

Esse Fundo de Participação Social (FPS) é outro fundo que, como o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, ilude o povo, serve aos patrões e reforça o regime.

1.5

OS LUCROS DA TRAIÇÃO

Nunca a história do nosso país registrou tanta corrupção, favoritismo e empenhismo como nos dias atuais. O segundo ditador esteve pessoalmente envolvido nesse lancaçal, em negociações da previdência social. Alguns, intitulados ministros, são notoriamente desonestos no trato com o dinheiro público como o Sr. Mário Andreazza e o Sr. Costa Cavalcanti, este último assinado reconhecido até pelo próprio Sr. Elbrick, ex-embaixador americano no Brasil.

Muitos são os generais que ocupam funções altamente remuneradas em empresas estrangeiras instaladas aqui. São pagos tão somente para garantir o terreno 'livre' a exploração imperialista. Não realizam nenhum outro trabalho e sequer frequentam assiduamente essas empresas.

Ex-ministros são recompensados, agora, com cargos semelhantes nas empresas estrangeiras, por lhes terem concedido privilégios e tranquilidade ao tempo em que ocuparam suas pastas.

Alguns nomes:

ROBERTO CAMPOS - Presidente do Investbank

GENERAL MACEDO SOARES - Diretor da Mercedes Benz

JUBACY MAGALHÃES - Presidente da DELTEC e da Ericsson

GAL. GOLBERY DO OURO E SILVA - Presidente da DOW CHEMICAL

VASCO LEITÃO DA CUNHA - Presidente da Standard Elétrica - ITT

EMBAIXADOR PIO CORRÊA - Presidente da Siemens

PAULO EGÍDIO - Presidente da Union Carbide

DÊNIO NOGUEIRA (Ex-Presidente do Banco Central) - Presidente do Grupo Rothschild.

Enriquecem às custas do empobrecimento nacional. Prostituem-se com a maior sen -cerimônia.

1.6

TORTURA - INSTRUMENTO DA DITADURA

O regime, na realidade, tem demonstrado cabalmente a impossibilidade de equacionar os problemas mais prementes de bem-estar social e progresso econômico.

E por que a impossibilidade?

Pela sua própria natureza reacionária e pró-imperialista.

Essa natureza obriga-o a ser extremamente repressivo.

Assim é que, em 1969, todas as despesas federais com educação, saúde, agricultura, cultura, justiça, comunicações, minas, energias, previdência social, indústria, comércio, Poder Judiciário, Poder Legislativo e Tribunal de Contas, somadas, foram inferiores à dos pesa com as Forças Armadas.

Sin! Espantoso! O setor militar ainda gastou Cr \$ 60.644.000,00 mais do que todos aqueles reunidos.

Aqui não estão computadas as despesas com o Estado Maior das Forças Armadas e as secretíssimas verbas dos serviços de espionagem interna do Serviço Nacional de Informações, Centro de Informações do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, Polícia Federal e outros órgãos afins.

Não poderíamos ter depoimento mais eloquente do estado policial-militar em que vivemos.

Exército, Marinha e Aeronáutica, tomando como base o ano de 1962, aumentaram sua participação nas despesas federais em 42 %. (Inspeção Geral de Finanças - Relatório 62 e 68).

Durante esse período a arrecadação fiscal cresceu 44 % enquanto que os gastos federais em bens e serviços diminuiram 10 %.

Conclusão: além de significar que pagamos mais impostos e recebemos menos do Estado em troca, isso mostra que os recursos arrancados ao povo são empregados na máquina de repressão que está sendo e será mais usada ainda contra esse próprio povo.

Esse dinheiro é gasto pelo regime para sufocar greves e reivindicações dos trabalhadores. É usado para garantir o lucro dos patrões. É essa profunda identidade que existe entre o regime e os patrões imperialistas e oligárquicos que nos faz chamar isso que está aí de ditadura dos patrões.

Ditadura sórdida, sem escrúpulos e carente dos mais elementares princípios de decência e humanidade.

Seus métodos de repressão e atuação política causariam inveja aos nazis alemães. Agentes policiais norte-americanos da CIA e FBI vêm ao Brasil para ensinar a sua técnica desenvolvida como Dan Mitrione, justificado no Uruguai, que introduziu em nosso país o cassetete tamanho família e que produz choques elétricos.

Perseguições, torturas, mutilações, assassinatos se inscrevem como práticas costumeiras do regime, não somente para os que optaram pela luta de libertação nacional, como para pessoas alheias a essa luta, ninguém hoje se encontra a salvo da sanha sanguinária dos detentores do poder policial-militar.

Em outros tempos, o Brasil assinou e teoricamente ainda está comprometido com a Declaração Universal dos Direitos do Homem que em seu artigo 5º determina: "Ninguém será submetido a torturas nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante".

Não obstante, nem mesmo crianças, mulheres, gestantes, velhos e religiosos escapam à fúria animalizada dos carrascos.

Frei Tito de Alencar, 24 anos, preso em novembro de 69, conheceu os piores momentos de sua vida nas masmorras brasileiras. A acusação inicial contra ele era de que havia participado do Congresso da UNE em dezembro de 68, em Ibiúna.

Ele conseguiu fazer passar, para fora de sua cela, na Operação Bandeirantes

tes, um relato sobre aqueles amargos momentos que foi posteriormente publicado na inte
gra em jornais europeus. Eis alguns trechos de seu depoimento:

"Eram 6 torturadores comandados pelo cap. Maurício. Dependurado nu, com as mãos e os pés amarrados, recebi choques elétricos de pilha seca nos tendões dos pés e na cabeça. Era o pau-de-arara. Depois vieram os "telefones" (tapas simultâneos em ambos ouvidos). Isto durou até as 22 horas. Ao sair dali para a cela, tinha o corpo marcado de hematomas, o rosto inchado, a cabeça inchada e dolorosa.

Fui conduzido para a cela de 3 x 2,5m. cheia de pulgas e baratas, ter
rível mau cheiro, sem colchão e cobertor.

No dia seguinte tive que enfrentar a equipe do cap. Honero, que me espancou até o início da noite quando recebi a 1ª refeição naquelas 48 horas. Fui dormir com a advertência do cap. Honero de que no dia seguinte iria enfrentar a "equipe da pesada".

Na 5ª feira, 3 policiais acordaram-me à mesma hora do dia anterior. De estômago vazio fui para a cela de interrogatórios. Sentaram-me na "cadeira do dragão" (com chapas de metal e fios) onde descarregaram-me choques nas mãos, pés, ouvidos e cabeça. Dali passaram para o pau-de-arara com mais choques, pauladas no peito e nas pernas cada vez que elas se curvavam para aliviar a dor.

Desmaiei diante das terríveis dores, mas logo fui reanimado e submetido à palmatória - as palmas da mão eram a única parte do corpo que ainda não me doía e sangrava. Depois de algum tempo as mãos estavam roxas e inchadas, a ponto de não ser possível fechá-las.

Isto durou até às 10 horas quando chegou o cap. Albernaz e quis que eu dissesse onde estava o Frei Ratto. Como eu não soubesse, levei choques durante 40 minutos

MA A certa altura o cap. Albernaz mandou que eu abrisse a boca para receber a "hóstia sagrada". Introduziu um fio elétrico. Fiquei com a boca toda inchada sem poder falar direito. Gritaram difamações contra a Igreja, berravam que os padres são homossexuais.

Após ligeira refeição reiniciou o interrogatório para que eu confessasse os assaltos a bancos: choques, pontapés nos órgãos genitais e no estômago, palmatórias, pontas de cigarro apagaadas no meu corpo. Depois de 5 horas fizeram-me passar pelo "corredor polonês" - tinha que atravessar uma fileira de homens amados de correntes e chicotes.

De volta à cela, eu não conseguia dormir. Era preciso pôr fim àquilo. Sentia que não ia aguentar mais o sofrimento prolongado. Angustiava-me a possibilidade de outros frades sofrerem o mesmo. Só havia uma solução: matar-me. Encontrei uma lata vazia no chão e comecei a molhar sua ponta no cimento. O preso ao lado presenciou minha decisão e pediu que eu me acalmasse. Havia sofrido mais do que eu; teve seus testículos esmagados e não chegara ao desespero. Mas eu, no meu caso, tratava-se de impedir que ou

tros viessem a ser torturados e denunciar à opinião pública e à Igreja o que se passa nos cárceres brasileiros. Só com o sacrifício de minha vida isto seria possível, pensei.

Como havia um novo testamento na cela, li a paixão segundo S.Mateus. " O Pai havia exigido do filho o sacrifício como prova de amor aos homens". Desnaiei envolto em dor e fé".

Frei Tito cortou profundamente o pulso e foi removido para o Hospital Militar. Ali, prosseguiu ôle, "teve início a tortura psicológica. Diziam: "a situação agora vai piorar para você, que é um padre suicida e terrorista. A Igreja vai expulsá-lo, etc". Não deixaram que eu repousasse; falavam o tempo todo, jogavam, contavam-me estranhas histórias. Percebi logo que queriam que eu enlouquecesse afin de fugirem à responsabilidade do meu ato e o justificarem com a minha demência.

É preciso dizer que o que ocorreu comigo não é a exceção, é a regra. Raros os presos políticos que não sofreram torturas. Muitos, como Chael Schroier e Virgílio Gomes da Silva morreram nas salas de tortura. Outros ficaram surdos, estéreos ou com defeito físico".

Aí está um testemunho de um verdadeiro patriota que foi submetido às mais requintadas técnicas de crueldade por querer ver seu povo livre da miséria e da exploração.

Não foi o único religioso que passou por êsses sofrimentos. Colegas seus tiveram experiência semelhante.

A freira Maurina Borges, de Ribeirão Preto, libertada em troca de cônsul japonês em S.Paulo, foi violentada na prisão. Está grávida e ainda recentemente jornais e revistas estrangeiras, cuja circulação no Brasil foi proibida, noticiaram sua entrevista com o Papa para resolver a questão da criança que está para nascer.

O Sr. Carlos Cardoso Aveline, advogado em Pôrto Alegre, foi detido em São Paulo pelo DOPS paulista e, além das torturas que sofreu, teve que assistir a seu filho menor, de 16 anos, suspenso pelos pés e alganado, ser espancado até seu desfalecimento. Sua família enviou cartas ao chefe do regime, denunciando tôdas as atrocidades, e nenhuma providência foi tomada. É apenas um caso em centenas.

Uma carta-denúncia do padre e cientista francês, Jean Talpe, que foi preso e torturado pelo regime, antes de ser expulso do Brasil, relata alguns fatos de que o autor tomou conhecimento, na prisão:

" Um parente muitas vezes é prêso como refém e torturado. Um amigo meu, professor da Universidade de S.Paulo, foi prêso e pendurado nu de cabeça para baixo e, assim, durante horas foi agredido com porretes e submetido a choques elétricos nas partes mais sensíveis do corpo. Uma moça desconhecida dôle teve de presenciar a cena e se freu depois o mesmo tratamento vergonhoso na presença de um amigo. Um outro prêso foi interrogado enquanto sua esposa era violada pelos carrascos na frente dôle. Uma senhora grávida foi torturada a tal ponto que a criança morreu. A mesma senhora foi depois abandonada numa cela sozinha e poucos dias depois faleceu. Isso são apenas alguns casos que

cheguei a conhecer.

Depois de meio ano de prisão - sem culpa formada nem julgamento - o governo decretou meu exílio. A razão? Esta: o fato de eu conhecer de perto a luta e a miséria do nosso povo é um atentado à "segurança nacional". Segurança de quem? Pergunto. Os únicos que têm segurança em nosso país são os grandes latifundiários e os donos dos trustes internacionais, que exploram o povo e mantêm essa cruel ditadura militar para salvaguardar sua segurança".

Terminou sua carta dizendo:

"Infelizmente tenho de deixar o país. Outros tiveram sorte pior e foram assassinados, como meu amigo, Padre Henrique, do Recife. Mas a minha maior alegria é saber que a luta continua".

Outra vítima fatal: Olavo Hanson. Como trabalhador participara das conenções do dia 1º de maio, autorizadas oficialmente, quando foi detido pelo DOPS paulista. Alguns dias depois, seu corpo apareceu todo marcado com binais de tortura, tendo o laudo pericial do legista apontado o envenenamento como causa mortis. Até recentemente, um médico que estava colhendo material para ajuizar os assassinos de Olavo continuava misteriosamente desaparecido, após ter sido prêso pela polícia carioca.

Ainda recentemente foi distribuído no Rio, pela Comissão Episcopal da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros do NE, um documento denunciando torturas em dois padres do Maranhão, José Antônio M. de Montoiro e Xavier Gilles de Maupeou. Entre outras coisas, diz o documento: "encontram-se em poder do Arcebispo de São Luiz os atestados ' fornecidos pela Divisão Médico-Legal da Secretaria de Segurança do Estado e pelo médico ' indicado pela Arquidiocese, que examinaram o padre José Antônio e constataram várias escoriações, permitindo confirmar tudo quanto êsse digno sacerdote havia declarado, isto é, que foi torturado durante o inquérito a que o subjetoram. Relatou êle aos médicos, como também aos bispos do Maranhão, tudo quanto suportou e sofreu, física, psicológica e no ralmente".

Continua o documento: "O clima de terror e de mêdo, o estímulo às delações e o emprego de torturas não conduzem à paz justa e fraterna".

O esquadrão da morte goza de apoio oficial, apesar de tentarem aparentar o contrário. Os advogados que representam famílias das vítimas daquele grupo assassino ' são ameaçados e, como acontece na GB, são presos na Vila Militar como subversivos, em regime de fone e sede. Pesa ameaça de morte também sobre os juizes e promotores que resolvem enfrentar o referido grupo, como o Dr. Bicaldo.

Aí está a "inagem distorcida do Brasil" no exterior que o povo brasileiro não conhecia até agora em suas devidas proporções. O símbolo-inagem dêsse regime é o "Esquadrão da Morte", no que tem de sinistro, assassino, covarde e bandidesco.

O relato dêsses fatos é o que chamam de campanha do comunismo interna-cional contra o Brasil, como se o Brasil se confundisse com o regime policial-militar ' que o infelicita.

O que existe no exterior é uma campanha de esclarecimento, simplesmente, e o que existe aqui dentro do Brasil é uma impudica campanha de mentira e ocultação da verdade.

Tentam enganar o povo, mas é este mesmo povo que sofre o arrôcho salarial; que vive o regime do medo e do terror; que sente a exploração e a miséria crescerem de seu lado e a riqueza e opulência crescerem do lado dos ricos; que assiste ao grande assalto de nossas riquezas pelos imperialistas acobertados por seus pelegos, que testemunha a tortura e morte de milhares de seus irmãos por lutarem por um Brasil livre.

A Comissão Internacional de Juristas, órgão da ONU, que reúne advogados do mundo inteiro, recentemente condenou de forma veemente o regime e seus métodos de barbárie. Um dos maiores responsáveis pelo atual estado de coisas, Sr. Alfredo Bazaid, assinando como Ministro da Justiça, enviou uma carta àquela Comissão, em que dizia:

"Estou extremamente surpreendido pelo fato de V. Excia não ter aceite a palavra do govern brasileiro e que V. Excia. aceite por outro lado caluniosas imputações feitas no exterior por terroristas e agentes do comunismo internacional".

Para esse cínico senhor agentes do comunismo internacional devem ser o Senador Edward Kennedy, que pediu no Congresso norte-americano a suspensão da ajuda ao regime brasileiro; a Igreja Metodista Mundial, que se recusou a realizar Congresso no Brasil devido ao desrespeito à pessoa humana praticado pelo regime; os artistas de todo o mundo que boicotaram a Bienal de S. Paulo, em protesto contra o que está ocorrendo aqui dentro; intelectuais e religiosos de todas as partes do globo que se manifestam contra os carrascos do povo brasileiro.

O movimento internacional de solidariedade ao povo brasileiro é algo raramente visto e testemunha um carinho e amizade do mais elevado sentido.

Nas passeatas de Paris ou Roma, Nova York ou Santiago, vêem-se cartazes com retratos de mártires nacionais e frases de saudação à nossa luta. A mulher brasileira é citada como exemplo de heroísmo e abnegação.

Os que são obrigados a deixar temporariamente o país sentem-se impelidos a retornar para prosseguirem a luta, tal é o sentimento de responsabilidade que cresce ainda mais ao ver a esperança que os povos do mundo depositam em nossa luta. Isso nos dá mais força para superarmos todas as dificuldades e seguirmos adiante.

II - COMO LUTAR

Quanto à forma que deve assumir a luta, não há uma única e exclusiva. Tanto podemos lutar na clandestinidade, como na legalidade; de armas na mão ou desarmados; pacificamente ou violentamente. Porém um método deve predominar e esse método não fomos nós que o elegemos, mas o próprio regime.

Foi pela força que o grupo policial-militar assumiu o poder e não será por bem que o entregará ao povo. As armas o inimigo já escolheu e não nos deixa alternativa. A nós, agora, somente compete escolher a hora e o local além de nos prepararmos para uma guerra prolongada.

Por isso, consideramos destituída de qualquer sentido a questão de se definir a favor ou contra a luta armada, pois esta já existe desde 64 por parte do adversário, e continuará existindo. Ser contra a luta armada do povo é admitir somente a luta armada da ditadura contra o povo. É defender a passividade; é renunciar ao direito de legítima defesa.

Portanto, ou se é a favor da luta armada ou se é a favor da rendição. Não há meio termo. Diante da violência dos tiranos, a contra-violência do povo.

Não devemos, contudo, excluir outros meios, desde que não sejam tomados por si sós, mas sempre subordinados à estratégia da luta armada.

Cada brasileiro deve lutar em seu setor de trabalho ou de estudos com os meios de que disponha, mas nunca isoladamente. Somente a ação de grupo tem força, nunca a individual.

Devem-se organizar nas fábricas, escritórios, bancos, casas de comércio, ferrovias, portos, etc, grupos pequenos de gente disposta à luta. Reunidos discutirão assuntos de interesse comum referentes ao local de trabalho e à situação geral do país, e elaborarão uma diretriz de ação que tanto pode ser a divulgação de um manifesto entre colegas, organização de uma greve ou a realização de uma sabotagem. É importante que esses pequenos grupos desempenhem uma missão esclarecedora junto aos que não compreendem bem a situação ou são indiferentes a ela. Tais pessoas devem ser ouvidas e esclarecidas, nunca desprezadas.

O número de componentes dos grupos varia em função do local, mas oscila entre 5 e 15. Um será eleito chefe por determinado período.

Os membros de um grupo de determinada fábrica, por exemplo, não devem saber quem são os que pertencem a outro grupo da mesma fábrica. É uma medida de segurança contra a infiltração de agentes policiais que poderiam conhecer todos os elementos de todos os grupos se isso não fosse feito. Para missões mais perigosas devem ser escolhidos os mais corajosos, que formam um grupo à parte, cuja composição será conhecida exclusivamente pelo chefe dos grupos da fábrica, se houver, ou pelo chefe deste grupo de ações pa-

rigosas.

A ausência de uma coordenação maior que controle todos os grupos de cada local e mesmo de vários locais não deve ser motivo para que não se faça coisa alguma. Tudo pode começar com um pequeno grupo em certo local de trabalho que, ao estabilizar-se, servirá de modelo para a formação de outro grupo, até que se possa criar uma direção local dos vários grupos.

Seja qual for o meio de luta popular, este não poderá desenvolver-se sem a prévia organização dos grupos. Luta armada não significa uma pessoa tomar um revólver e sair matando policiais na rua.

Não, a luta armada já existe na simples preparação do confronto propriamente dito ou na ajuda à luta principal. Assim, a organização de grupos de discussão política que vise preparar o mesmo grupo para a luta futura; mesmo que só para auxiliar com um greve, por exemplo, já é parte da luta armada. Até mesmo a divulgação de um manifesto ou realização de comícios relâmpagos ou de passeatas, pode ser parte da luta armada.

O que não podemos considerar como método legítimo de luta popular é, por exemplo, a participação em farsas eleitorais, como a que o regime está montando agora. Aí, então, é aceitar um simulacro de democracia com que querem enganar o povo; é acreditar que por esse meio poderemos chegar à solução dos problemas nacionais.

Não aceitamos nenhuma contemporização com o regime ao qual procuram dar máis aparência democrática com uma oposição invertebrada. MDB é apenas mais uma peça de que se serve o regime para se sustentar e, por procurar emprestar-lhe aparências de democracia, é mais desprezível que a própria Arena. Todos os candidatos já foram previamente selecionados pelo critério de servilismo ao regime. A corrupção eleitoral dos currais e votos de cabresto vai bater recordes.

Não temos, portanto, nenhuma identidade com a chamada oposição parlamentar. Nossa posição relativamente às eleições que se aproximam é a de que os eleitores devem anular seu voto com uma inscrição de: Brasil - Vitória ou Morte, Abaixo a Ditadura, Morte ao Imperialismo, ou qualquer outra que patenteie o repúdio popular ao sistema vigente e tudo que ele representa.

III - PARA QUE LUTAMOS

Até aqui vimos mostrando contra o que lutamos, por que lutamos e como lutamos. Nosso trabalho, porém, estaria incompleto se não explicássemos para que lutamos, o que pretendemos, qual nosso objetivo.

Vamos derrubar a ditadura militar, anular todos os seus atos, formar um governo revolucionário do povo que adotará as seguintes medidas:

I - POLÍTICA INTERNA

- 1 - Garantia do direito do povo escolher seus próprios governantes.
- 2 - Encampação pelo Estado de todas as empresas estrangeiras e das nacionais que colaboram com o imperialismo.
- 3 - Realização da revolução agrária com distribuição de terra aos camponeses e formação de grandes fazendas coletivas.
- 4 - Encampação dos bancos e do comércio exterior.
- 5 - Garantir a participação do trabalhador na direção da empresa em que trabalha.
- 6 - Garantir a todos os trabalhadores salário que permita uma vida digna.
- 7 - Respeito aos legítimos direitos adquiridos dos trabalhadores.
- 8 - Concessão de plena igualdade de direitos à mulher para lograr sua completa emancipação.
- 9 - Integração completa do negro em nossa sociedade, abolindo todas as formas de racismo que há no Brasil.
- 10 - Tornar o ensino obrigatório, gratuito e assegurado até o grau secundário; estimular o estudo de nível superior.
- 11 - Criar condições para proporcionar assistência médico-hospitalar gratuita.
- 12 - Garantia do direito de associação das classes trabalhadoras em sindicatos e confederações livres.
- 13 - Garantia da liberdade de imprensa e encampação dos órgãos comprometidos com interesses estrangeiros.
- 14 - Garantia de absoluta liberdade religiosa.
- 15 - Incentivo à pesquisa técnica e científica com o sentido de atendermos às necessidades nacionais de desenvolvimento autônomo.
- 16 - Respeito a toda propriedade particular que não tenha caráter anti-social.

II - POLÍTICA EXTERIOR

- 1 - Posição ao lado de governos progressistas na luta contra o imperialismo.
- 2 - Reconhecimento de Cuba e da China.
- 3 - Ajuda aos movimentos de libertação nacional da África, Ásia e da América Latina.
- 4 - Promoção de um espírito latino-americano que venha integrar nossos povos.

numa comunhão de esforços e ideais.

5 - livre comércio com todos os povos do mundo.

Essas são as nossas notas, uma vez no poder.

Temos a certeza de sua justeza, de seu significado profundamente popular.

Sabemos que expressam o espírito de uma nova época que tem compromisso apenas com o futuro. Não queremos sequer negociar com o passado, apenas sua destruição no que tem de iníquo e superado.

Somos uma nação jovem, em que mais da metade da população possui menos de 20 anos de idade. Inesgotável é a potencialidade humana e material que possuímos, até agora frustrada por um regime decrépito. Para destruí-lo contamos com a disposição de luta e a certeza de vitória.

A geração de hoje, nova e velha, tem o privilégio de viver um dos momentos mais decisivos da história humana, em que povos de todas as partes do mundo vêm se pondo de pé, na concretização dos sonhos e ideais acalentados há séculos pela humanidade. E, o que é mais notável, tem demonstrado estar à altura dessa missão que lhe foi legada pelas outras gerações.

Os brasileiros desmentem com seu comportamento revolucionário o mito que se procurou criar de sua indiferença ante a miséria e exploração a que está submetido. Já estão os testemunhos de sangue derramado por bravos compatriotas na defesa da justiça e da liberdade. São filhos do povo que se insolaram como tributo que esse povo tem que pagar para triunfar sobre seus opressores.

Muitos haverão de tombar ainda. Os soldados do povo viverão sempre engrandecidos na memória popular. Seus inimigos encontrarão a morte inglória dos que defendem a iniquidade como causa e a repressão como princípio.

A maioria esmagadora dos que hoje se alinham ao lado do inimigo está equivocada e é levada a essa atitude anti-povo previda por necessidade econômica, de um lado, e, de outro, pela ignorância do papel que está representando. É o soldado, filho de humilde família operária, a defender a ordem dos patrões. É o militar que aprendeu a servir à pátria, e coloca-se a serviço dos que a saqueiam e a vilipendiam. É o policial que deveria garantir o império da justiça, a afrontá-la com práticas de violência e arbitrariedade.

Estamos certos de que muitos desses recobrarão a consciência e, no momento devido, saberão colocar-se ao lado do povo.

A luta despertará consciências adormecidas e fará palpitar corações indiferentes. O grande destino livre que havemos de conquistar é o traço de união de todos nós.

Glória eterna aos nossos mártires.

BRASIL - VITÓRIA OU MORTE

